

Geografia da Produção, Circulação e Consumo

José Wellington Carvalho Vilar



São Cristóvão/SE
2011

Geografia da Produção, Circulação e Consumo

Elaboração de Conteúdo
José Wellington Carvalho Vilar

Projeto Gráfico
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Neverton Correia da Silva

Copyright © 2011, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

V697g Vilar, José Wellington Carvalho.
Geografia da produção, circulação e consumo /
José Wellington Carvalho Vilar. – São Cristóvão : Universidade
Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

1. Geografia econômica. 2. Produção (Teoria econômica).
3. Indústria. I. Título.

CDU 911.3:33

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Diretor de Educação a Distância
João Carlos Teatini Souza Clímaco

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

coordenador-adjunto da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica
Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira
Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos
Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada
Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação
Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação
João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza
Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Assessoria de Comunicação
Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso
Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Paulo Souza Rabelo (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria
Edvan dos Santos Sousa (Física)
Raquel Rosário Matos (Matemática)
Ayslan Jorge Santos da Araujo (Administração)
Carolina Nunes Goes (História)
Viviane Costa Felicíssimo (Química)
Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)
Lívia Carvalho Santos (Presencial)
Adriana Andrade da Silva (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Alves de Menezes (Coordenador)
Marcio Roberto de Oliveira Mendonça

Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Produção, circulação e consumo: uma visão territorial integrada. 07

AULA 2

Os enfoques da geografia da produção, do consumo e da circulação. 19

AULA 3

Fases da configuração territorial dos sistemas industriais. 31

AULA 4

Inovação tecnológica e novos espaços industriais. 43

AULA 5

Problemas de localização industrial. 57

AULA 6

Tipos de indústrias. 71

AULA 7

Os impactos ambientais da atividade industrial81

AULA 8

O comércio nas cidades: uma visão geográfica..... 93

AULA 9

Os impactos territoriais do transporte105

AULA 10

Dos combustíveis fósseis às energias limpas 121

Aula 1

PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO: UMA VISÃO TERRITORIAL INTEGRADA

META

Entender os momentos do processo econômico em sua dimensão geográfica.

OBJETIVOS

Entender a produção, a circulação e o consumo numa perspectiva territorial integrada.

PRÉ-REQUISITOS

Disciplinas anteriores da área de Geografia Humana e Econômica.

José Wellington Carvalho Vilar

INTRODUÇÃO

Diferentemente do que ocorria na antiguidade, onde a produção e o abastecimento da população se realizavam geralmente num mesmo local ou em áreas relativamente próximas, diminuindo assim os efeitos da distância, na atualidade existem grandes intercâmbios econômicos entre as mais variadas regiões do planeta a ponto de se falar muito sobre fluxos econômicos, circulação de produtos e pessoas, a respeito de redes e principalmente sobre globalização.

A produção hoje já não se restringe a sua dimensão local e regional, porque a circulação alcance cada vez mais escalas nacionais e internacionais e o consumo amplia-se, deforma-se e confunde-se com o consumismo. Com a evolução do sistema de transporte e a utilização de avançados meios de comunicação, a circulação de produtos intensifica-se num ritmo que permite o consumo de produtos diversificados, oriundos dos mais variados países do globo. Os mercados se ampliam e assumem problemas cada vez mais complexos que vão desde a logística que põe em funcionamento o sistema territorial às desigualdades sociais e econômicas que dificultam ou impedem o consumo e que se expressam ainda na relação perversa entre pobreza-riqueza.

O objetivo da presente aula é entender a complexa relação entre produção, circulação e consumo numa perspectiva geográfica integrada. Para tanto o presente texto está dividido em quatro partes. Na primeira será abordada a questão da produção em si. Na segunda, discute-se o circuito da distribuição com ênfase no circuito inferior e no circuito superior da economia urbana. Na terceira parte o foco está centrado no consumo. Por último, pretende-se discutir esses três elementos no território por meio de uma visão geográfica integrada, ou seja, a idéia de circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação territorial que formam a geografia do movimento.

A PRODUÇÃO

A partir da Revolução Industrial registra-se um conjunto de transformações da natureza em consequência do trabalho humano com expressivos impactos territoriais. Nesse momento da história humana, importantes avanços do conhecimento científico e tecnológico contribuíram para a criação de novos meios de transporte, de máquinas e equipamentos, além de permitir o aproveitamento de diferentes fontes de energia, e contribuir para a ampliação e variação da produção. Esse momento de inovações foi acompanhado de fortes mudanças nas relações sociais, nas formas de trabalho, na paisagem geográfica, nas maneiras de explorar os recursos ambientais, abrindo assim caminho para a expansão da produção capitalista na esfera mundial.

Mas na atualidade não é suficiente somente produzir. É fundamental para o capitalismo contemporâneo colocar de maneira mais rápida o resultado da produção a caminho dos consumidores e agregar valor a seus produtos. Na verdade, a produção não mais comanda a circulação, mas é a distribuição e o consumo que controlam, conformam e presidem a produção. O domínio da produção na geografia econômica é um produto da primeira e da segunda Revolução Industrial (Figuras 1 e 2). A partir da segunda metade do século XX e principalmente das últimas décadas do milênio, a situação muda sensivelmente e as redes, a competitividade, o poder da informação e a necessidade de fluidez territorial se impõe e criam uma nova geografia da produção, da circulação e do consumo que se caracteriza, entre outras coisas, pela seletividade, pela concentração territorial e ao mesmo tempo pela dispersão espacial ou geográfica.



Figura 1. Produção em indústria química
(Fonte: www.professorjairojr.blogspot.com)



Figura 2. Produção siderúrgica
(Fonte: www.exame.abril.com.br)

A CIRCULAÇÃO

Também conhecida como distribuição, a circulação de bens e produtos assume hoje um papel crucial na geografia dos fluxos ou do movimento. O mundo hoje exige fluidez que é baseada nas redes, verdadeiros suportes para aumentar a competitividade entre empresas e mercados num momento em que se ampliam os espaços da globalização.

No capitalismo, os circuitos da distribuição e do consumo são projetados e construídos sobre o espaço geográfico para dar garantia de que a produção do campo e da cidade esteja presentes num território unificado pelo mercado (Figura 3). São exemplos significativos desses circuitos as redes do CEASA, os supermercados e os hipermercados que também podem constituir redes, as feiras livres e os shoppings centers. A meta última da circulação no sistema capitalista é unir o mais rápido possível a produção propriamente dita e o consumidor final, por isso é vital a existência de infraestrutura viária e do que hoje se conhece como sistemas de engenharia que permitem maior fluidez territorial ao capital.



Figura 3. Distribuição de mercadorias
(Fonte: www.skyscrapercity.com)

Cabe aqui fazer uma breve distinção entre distribuição e comércio. O comércio corresponde a uma fase intermediária entre a produção e o consumo propriamente ditos, tendo por função básica disponibilizar mercadorias aos consumidores. De maneira geral, existem dois tipos de comércio que correspondem às duas etapas no circuito de comercialização dos produtos: o comércio atacadista e o comércio varejista (Figura 4 e 5). O comércio no atacado estabelece o ponto de contato entre produtores e varejistas, reunindo produtos variados em um só lugar com a possibilidade de diminuir o seu preço pela venda em grande quantidade. Embora esteja disperso por todo o tecido urbano, o comércio varejista oferece seus produtos diretamente ao consumidor, geralmente reunidos no centro da cidade, em subcentros ou nas chamadas novas formas de comércio, como é o caso de hipermercados e de shopping centers.



Figura 4. Comércio varejista
(Fonte: www.investne.com.br)



Figura 5. Comércio Atacadista
(Fonte: www.gotadesign.com.br)

Na circulação deve-se igualmente considerar os dois circuitos da economia urbana e suas implicações espaciais. Milton Santos (1979) defende a existência de um circuito inferior e de um circuito superior da economia com características tecnológicas e organizacionais distintas. De maneira simplificada, pode-se afirmar que o circuito superior está composto por negócios bancários, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, comércio e serviços modernos, comércio atacadista e o setor de transporte. Por sua vez e também de maneira geral pode-se dizer que o circuito inferior está constituído por formas de fabricação que utilizam capital não intensivo, serviços não modernos, geralmente abastecidos pelo comércio varejista e pelo comércio em pequena escala e não moderno.

Segundo Milton Santos (1979), três aspectos básicos vão definir os dois circuitos econômicos: o consumo, as relações de dependência e seu alcance geográfico. O circuito superior apresenta um consumo “imposto” pela mídia, uma tendência ao controle econômico e um alcance territorial extra-regional. Em contrapartida, no circuito inferior o consumo é o re-

sultado mais direto da demanda e um produto indireto da modernização, uma vez que somente alguns indivíduos se beneficiam parcialmente do progresso técnico e de suas vantagens, e seu raio de ação é limitado aos espaços intra-urbanos ou no máximo à região metropolitana. Em síntese, a diferença fundamental entre as atividades dos dois circuitos está baseada nos aspectos tecnológicos e na organização interna (Quadro 1).

Características	Circuito Superior	Circuito inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequenas quantidades, qualidade inferior
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor (<i>haggling</i> – regateio)
Crédito	Bancário institucional	Pessoal não institucional
Margem de lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (Exceção: produtos de luxo)	Elevado por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relação com a clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização de bens	Nula	Frequente
<i>Overhead</i> capital	Indisponível	Disponível
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Quando 1. Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Fonte: SANTOS, 1979, p. 34. (Parcialmente modificado).

Essa visão geográfica da economia urbana não deve ser vista como algo dual e sem relações entre os dois circuitos territoriais. Muito pelo contrário, a presença dos dois circuitos da economia urbana corresponde a uma fase onde a modernização ainda convive de maneira dinâmica com atividades não modernas que muitas vezes são a única forma de viabilizar o consumo de grande parte da população. É nesse contexto que se costuma falar no Brasil de uma modernização conservadora, de uma modernidade da pobreza, de uma racionalidade do sistema econômico, de desequilíbrios territoriais e de desigualdade urbano-regional.

Vale ressaltar que grandes empresas, geralmente transnacionais, podem organizar suas atividades através da criação de circuitos espaciais especialmente produzidos para dar fluidez aos seus produtos. Mas nesse processo

de construção de sistemas de engenharias (portos, aeroportos, estradas, e muitos outros) mais adequados para garantir competitividade, o papel do Estado tem sido historicamente fundamental. O estado tem se caracterizado fundamentalmente como grande agente regulador e como construtor de obras de infra-estrutura territorial ou geográfica às vezes em parceria com o setor privado da economia.

Nas três últimas décadas se defende claramente a necessidade de privatização de infra-estruturas como forma de garantir a fluidez territorial ou a circulação necessária à disputa por mercados. No caso brasileiro, a privatização de ferrovias e de rodovias são exemplos da vitória desse pensamento neoliberal. A eliminação do chamado “Custo Brasil”, que está associado ao déficit e à ineficiência da infra-estrutura geográfica, é um dos principais argumentos para a privatização do setor de transporte, inclusive de alguns terminais portuários. No entanto, com as sucessivas crises financeiras internacionais profundas dos últimos anos se verifica um novo questionamento a respeito do real papel do Estado na economia e na construção da armadura territorial que dá viabilidade à circulação geográfica.

O CONSUMO

O consumo não é algo estático, ele muda conforme o tempo e conforme o espaço geográfico onde se vive, embora haja uma tendência à imposição das formas distorcidas de consumo, o consumismo. Num primeiro momento do capitalismo industrial, registrava-se a autonomia da produção, ou seja, a indústria usava o recurso da publicidade para “criar a necessidade” daquele bem ou produto na sociedade. Hoje a situação se inverteu e muitas mercadorias se sustentam numa propaganda insistente e às vezes enganosa. Muitas vezes há mais uma preocupação em produzir um perfil de consumidor do que reforçar a utilidade do produto em si, e isso se coaduna com a valorização social da marca do produto e do poder de distinção que sua posse e uso representam para os indivíduos e para parcelas consideráveis da sociedade. Por isso existem tantos chocolates diferenciados, com formatos, sabores e embalagens distintas, com muita publicidade embutida, “fabricando” um gosto pelo produto. A idéia de um produto “novo” hoje passa pela fabricação de um tipo específico de consumidor pela mídia. Nesse sentido, não é difícil entender o poder do império da informação e da publicidade e o despotismo do consumo na contemporaneidade (Figura 6).



Figura 6. O poder da mídia e o consumo
(Fonte: www.celedoneto.blogspot.com)

A revolução moderna no campo do consumo está sendo acompanhada pela deformação da estrutura própria do consumo, gerando novas formas de produção, de comércio e principalmente de serviços (Figura 7 e 8). No caso brasileiro, a situação encontra situações bastante complexas nas quais as classes menos favorecidas têm dificuldade de entrar no circuito do consumo apesar das recentes conquistas dos governos FHC e Lula. Já as classes médias tentam seguir os padrões associados às classes mais prósperas do nosso país ou seguir o modelo de consumo dos “países desenvolvidos, principalmente dos EUA e da Europa, e ao mesmo tempo diversificam seu consumo ordinário e cotidiano.



Figura 7. Consumismo na sociedade moderna
(Fonte: www.zelmar.blogspot.com)



Figura 8. Um consumo global
(Fonte: www.zelmar.blogspot.com)

Cabe agora resgatar a visão ácida de Milton Santos sobre essa questão do consumo que não está isenta de polêmica, de um debate com idéias diferenciadas e até mesmo antagônicas: “O consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismo, por meio dos seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda a gente. Por isso, o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema ideológico.” (SANTOS, 2001:49).

OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO

Para o entendimento integrado dos circuitos espaciais da produção é necessário ir além da idéia dos objetos aparentemente fixos e estáticos na paisagem e conceber o território como algo dinâmico, onde é preciso captar o seu movimento, ou seja, a circulação de bens, mercadorias e pessoas, os fluxos. Vale ressaltar, no entanto, que o território da produção, da circulação e do consumo só pode ser inteiramente compreendido com uma análise que considere ao mesmo tempo o que está fixo no espaço geográfico, que corresponde à configuração territorial e paisagística, e o que está em movimento sobre esse mesmo espaço, seja de forma visível ou invisível aos olhos humanos (Figura 9). Em síntese, os fixos e os fluxos, elementos aparentemente estáticos, e objetos dinâmicos resultados das ações e de interesses humanos compõem a geografia dos circuitos espaciais da produção que aqui estamos tentando discutir numa perspectiva integrada.



Figura 9. Os circuitos espaciais da produção
(Fonte: www.logisticadescomplicada.com)

Hoje, a preocupação ecológica trouxe de volta a idéia da indissolúvel conexão entre produção, circulação, consumo e recursos naturais. A nova geografia econômica ambiental considera a íntima relação entre produção e consumo entremeadada pela circulação ao invés de concentrar-se de forma quase exclusiva na produção, como se fez nos primórdios da História do Pensamento Geográfico (Figura 10).

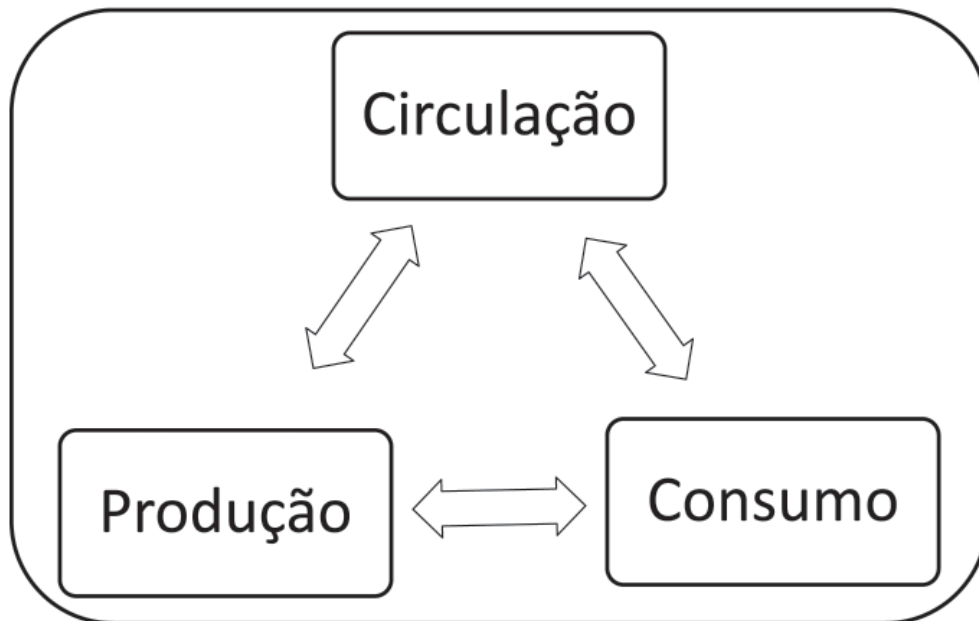


Figura 10. O ciclo do capital.
Elaboração José Wellington Carvalho Vilar.

CONCLUSÃO

É bastante criticável o reducionismo que coloca o ser humano somente na condição de produtor e consumidor, ao invés de reconhecê-lo como cidadão capaz de intervir na vida pública na defesa dos interesses sociais e coletivos e ler criticamente a paisagem, o território e a sociedade com seus conflitos e interesses diferenciados de grupos e de pessoas.

A difusão da informação e a ampliação de novas formas de consumo hoje estão entre os maiores elementos explicativos da geografia dos circuitos espaciais da produção, gerando forças de concentração e de dispersão espacial que são fundamentais para compreender a lógica territorial do século XXI.

Na atualidade, a geografia dos circuitos espaciais da produção abre novos caminhos para estudos sobre a relação entre empresas e impactos ambientais, sobre mecanismos reguladores dos mercados, sobre a relação produção-consumo e sobre contabilidade ecológica na perspectiva do desenvolvimento territorial que respeite a força do lugar e a visão endógena sem desconsiderar as forças maiores da globalização.



RESUMO

A geografia da produção, da circulação e do consumo preocupa-se basicamente com as modificações que a atividade econômica produz no espaço, seja na cidade seja no campo. Esses três momentos econômicos causam repercussões territoriais às vezes sensíveis, cuja interpretação hoje necessita de aportes de várias áreas do conhecimento para a obtenção de uma visão integrada que realmente considere os principais elementos da questão. O domínio atual do meio geográfico carregado de tecnologia, ciência e de informação supõe a idéia de fluxos, de rede, de inovação e de infra-estrutura geográfica adequada para alcançar um desenvolvimento territorial equilibrado e coeso. Por isso elementos culturais, econômicos, políticos, sociais e naturais são fundamentais na conformação da visão territorial dos circuitos produtivos.

Vivemos hoje num mundo da informação, da velocidade, da ciência e da tecnologia em suas mais variadas nuances. O circuito clássico da produção, circulação e consumo assume hoje uma complexidade nunca vista na história do homem e por isso não é fácil a devida compreensão das muitas dimensões que assume o espaço humano nesse século XXI. A necessidade de uma geografia que considere a diversidade e a cidadania, que respeite os princípios democráticos e combata as desigualdades sociais e territoriais é urgente e vital, e se constitui num verdadeiro desafio intelectual baseado num conjunto de princípios norteadores das nossas ações e práticas sociais.



ATIVIDADES

Ao final da aula, elabore uma representação gráfica (desenho, fluxograma, croqui, mapa, esboço de um modelo territorial ou assemelhado) que identifique o caráter territorial integrado da produção, da circulação e do consumo na sociedade contemporânea.

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

Na atividade, a representação gráfica pode ilustrar a través de setas ou de formas geométricas os circuitos espaciais da produção de uma determinada atividade econômica. O resultado da atividade pode servir de guia para a síntese dos conhecimentos sobre a produção, a circulação e o consumo uma visão territorial integrada.



AUTO AVALIAÇÃO

Após estudar o conteúdo da aula será que consigo entender a economia de uma cidade através da integração dos elementos econômicos clássicos da produção, da circulação e do consumo? É possível fazer uma leitura geográfica mais completa de um determinado lugar através da idéia de integração entre os elementos da cadeia produtiva? Os dois circuitos da economia urbana (o circuito inferior e o circuito superior) realmente possuem formas de integração territorial?



PRÓXIMA AULA

Os enfoques da geografia da produção, do consumo e da circulação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de, **Geografia econômica**. 12 ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- SANTOS, M; SILVEIRA, L. O Brasil. **Território e sociedade no início do século XXI**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M., Por uma outra globalização. **Do pensamento único à consciência cidadã**. 6 ed, Rio de Janeiro, Record, 2001.
- SANTOS, M., O espaço dividido. **Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SALGUEIRO. T. B., Do comércio à distribuição. **Roteiro de uma mudança**. Oeiras: Celta, 1996.